

ACESSIBILIDADE NO MUSEU: A EXPOSIÇÃO DA SEMANA INTERNACIONAL DO SURDO DE 2015

KEVIN VELOSO ALMEIDA¹; ROCHELE VALENTE MOURA²; ALINE REJANE DE JESUS MOTA³; SHANA PACHECO⁴; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF⁵; NORIS MARA PACHECO LEAL MARTINS⁶.

¹*Universidade Federal de Pelotas – veloso.k@icloud.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rochele.v.moura@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – aline.jmotta@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – shanapacheco@outlook.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – tblebedeff@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presença cada vez mais efetiva dos públicos com deficiência em museus, de acordo com Tojal (2015; p. 192) foi alcançada a partir de um longo processo de abertura dessas instituições, no princípio destinadas a uma finalidade elitizada, fosse para atender os públicos especializados, ou como um espaço restrito de um seguimento privilegiado da sociedade. Entretanto, para garantir acesso e permanência do público com deficiência nos Museus é necessário pensar na acessibilidade. De acordo com o Decreto 6949/ 2009, que promulga a Convenção Internacional da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, a deficiência é: um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2209).

Sendo deficiência um conceito dinâmico e associado às barreiras presentes no ambiente, o artigo 9º. do referido decreto salienta a importância de possibilitar às pessoas com deficiência

“[...] viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural.” (BRASIL, 2009)

A acessibilidade em Museus deve, portanto, garantir o acesso e a participação de todos os públicos, independentemente de sua condição. Além disso, a Lei 11904 de 14 de janeiro de 2009, Estatuto dos Museus, que define o que é preciso ter numa instituição para ser museu garante plena assecibilidade nos museus. Este é um desafio diário e que requer um trabalho interdisciplinar.

O presente trabalho apresenta uma experiência de realização de uma exposição organizada com o público surdo, em comemoração a Semana Internacional do Surdo de 2015, no Museu do Doce da UFPel. A Semana Internacional do Surdo é uma iniciativa da Federação Mundial de Surdos (WFD) e foi organizada pela primeira vez em 1958, em Roma, Itália. Desde então, esta semana é comemorada anualmente pela comunidade surda no mundo inteiro. A qual é comemorada na última semana de setembro, o mês de realização do

primeiro Congresso Mundial da Federação Mundial dos Surdos. Durante a Semana Internacional do Surdo ocorrem diversas atividades, tais como marchas, debates, campanhas, exposições e reuniões. O objetivo principal é a conscientização sobre a comunidade surda em nível individual, comunitário e governamental. É um movimento para promover os direitos das pessoas surdas e destacar temas específicos de direitos humanos com relação às pessoas surdas.

Em 2015 o tema da Semana Internacional do Surdo foi: "Com o direito à Língua de Sinais garantido, nossas crianças podem!". Este tema foi o escolhido para a exposição no Museu do Doce. O tema e a exposição tinham, como princípios, que as crianças surdas tem o direito e a necessidade de ter, como sua primeira língua, a Língua de Sinais de sua comunidade. Esta ação foi o, resultado de uma parceria entre Museu do Doce, Área de Libras da UFPEL, Associação de Surdos de Pelotas (ASP) e Escola Alfredo Dub e apresentou objetos relacionados a acessibilidade, escolarização e literatura da Comunidade Surda.

2. METODOLOGIA

A partir da consolidação da parceira para o desenvolvimento da exposição e com a definição do período, os bolsistas do Museu buscaram conhecer e aprender alguns sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais para melhor receber a comunidade surda. Além disso, um bolsista com fluência em Libras foi designado como responsável pela visita mediada para os alunos da escola Alfredo Dub. A escola de surdos é um espaço muito importante para comunidade surda, ela representa um espaço onde as pessoas encontram a possibilidade de usar a língua de sinais e de se comunicar usando o próprio idioma (a Língua Brasileira de Sinais).

Direção e ex-alunos da Escola Alfredo Dub, junto com a Associação de Surdos de Pelotas e a Área de Libras recolheram peças de diferentes acervos e, definiram aquelas que eram mais importantes para contar a sua história, a equipe do museu ficou responsável pelo processo de montagem da exposição.

A exposição contava com recursos interativos, onde o visitante podia, além de conhecer os objetos, podia manusear e fazer a leitura de livros relacionados à cultura surda, além de atividades com pintura de desenhos. A já existente visita mediada à sede do museu foi acrescida de uma mediação em libras oferecida pelos bolsistas do Museu.

Na inauguração da exposição alunos, ex-alunos, surdos e ouvintes da comunidade vieram prestigiar a primeira exposição de Pelotas, em um museu, com o tema sobre a cultura surda. Foi agendada uma visita dos alunos da escola, a exposição e, ainda tiveram acesso a todas as dependências do museu, onde conheciam mais sobre os usos da casa e a sua arquitetura, sendo que a visita foi mediada em Libras para os estudantes e professores da escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como principal resultado, a exposição e a visita mediada para alunos e professores surdos possibilitaram o cumprimento à função social do Museu, que segundo Tojal (2015, p. 200) é a de “possibilitar o diálogo, a participação e o direito às múltiplas experiências e leituras que cada visitante com as suas especificidades poderá efetivamente realizar”.

A partir da realização desta atividade museológica com pessoas com surdez foi possível analisar as atividades e a acessibilidade nos espaços do Museu e da universidade. Como o prédio onde está instalado o Museu do Doce, é

tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional, possui uma série de dificuldades para a sua adaptação para a acessibilidade no espaço físico. Por outro lado, focando a relação da surdez a partir da experiência visual da Libras (Língua Brasileira de Sinais) notou-se uma falta de preparo da comunidade ouvinte em geral e principalmente das equipes dos projetos de extensão para dialogar com a comunidade surda, o Museu do Doce não possui um intérprete de Libras, permanentemente, sendo dependente da existência de algum dos bolsistas que saiba usar a língua de sinais ou de agendamento com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (setor responsável na UFPel).

Levando em consideração a questão geral da acessibilidade notou-se que mudanças em diferentes aspectos são necessárias, desde a preparação da equipe até a adaptação e disposição do planejamento e da exposição de longa duração do Museu, esperando que assim o espaço consiga atender de forma adequada toda a comunidade.

Em outro projeto o museu vem desenvolvendo em parceria com o programa de extensão Museu do Conhecimento para Todos, financiado pelo edital PROEXT, a discussão da acessibilidade da exposição de longa duração, onde tem como principal foco a acessibilidade às pessoas cegas ou com baixa visão, a partir daí (e visando a surdez) a equipe do Museu uniu-se para discutir sobre formas alternativas de promover o acesso de forma educativa e simples, após reuniões e discussões a respeito de ações educativas, originou-se a ideia de elaborar um grupo de conversação e estudos da Língua Brasileira de Sinais, com o intuito de auxiliar a aprendizagem de Libras para os alunos participantes de projetos de extensão da UFPel e funcionários, através da interação social entre surdos e ouvintes.

4. CONCLUSÕES

O trabalho de viabilizar os espaços públicos pode ser um processo demorado e caro, entretanto em algumas situações é possível criar e pensar em formas alternativas de ajudar e/ou auxiliar na questão relacionada à acessibilidade. Um fator muito importante é a visita e ocupação dos espaços públicos dentro e fora da universidade por pessoas com deficiência, não apenas nas salas de aula, mas nos museus, nos cinemas universitários, nos atendimentos odontológicos, atendimentos médicos, entre outros. Além disso, é preciso a parceria entre projetos para ampliar a discussão sobre as necessidades de acessibilidade para as pessoas com deficiência e junto a esta comunidade pensar e propor práticas que viabilizem e democratizem o acesso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Decreto 6494 de 25 de agosto de 2009. Acesso em: 2/08/2016.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm

TOJAL, A. T.F. Política de Acessibilidade Comunicacional em Museus: para quê e para quem? *Museologia & Interdisciplinaridade*, Vol IV, no. 7, 2015.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. Marcadores culturais surdos: quando elas se constituem no espaço. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v.4, n. Especial, P. 81-100

CORRADI, J. A. M. **AMBIENTES INFORMACIONAIS DIGITAIS E USUÁRIOS SURDOS: QUESTÃO DE ACESSIBILIDADE.** 2007. 214f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista.